

Reporter X

SEMANÁRIO DA VIDA MUNDIAL

PREÇO
50 CTS.

EDITOR
Mário de Sousa

SABADO
23-OUTUBRO-1929

DIRECÇÃO (provisória)

R. da Palma, 146-2.º - LISBOA

ADMINISTRAÇÃO - Barcelos

ESCRITÓRIO (provisório)

Av. dos Aliados, 71 - PORTO

Sabado

"Pele Mele"

HOJE é Sábado. Bancos e companhias, todos os escritórios da cidade fecharam, no meio dia, o seu pessoal. É a *semana inglesa*. É mais um triunfo do jacobismo. O povo de Israel farto de suportar, durante seculos, o dia maximo dos catolicos — impõe-lhes agora melado do seu dia religioso — o sabado... A semana inglesa faz com que o domingo comece sabado à tarde, em todas as cidades. As *matinées* familiares dos cinemas teem, ao sabado, um publico especial de empregados e afilhados, *en domingados* que se remiram nos cartazes de Rodolfo e de Jean Angelo como num espelho. Eles queriam ser assim, vestir assim, casar-se assim como os outros se casam nos films, com uma Greta Garbo ou uma Liza de Putti... Logo, ao anoitecer, as cidades tornam-se muito mais *domingo* — do que o proprio *domingo*. Teatros, cinemas, cafés, Parque Mayer, a Foz — tudo regurgado de gente. Nos *cabarets* as noites alastram-se pela madrugada e a madrugada pela manhã. Póiter... Ao domingo não há trabalho... Mas amanhã é noite o domingo... parece sabado. A cidade despoja-se muito cedo. Póiter... A seguir ao domingo — vem, segunda e na segunda é preciso levantar cedo...

Hoje é sabado, vespera de domingo; domingo «di-stéppe» do Kalendario; «Polo Norte» da semana — mesmo quando o sol transforme a terra numa greiha; — domingo — dia Sahará para todos os que o detestam; domingo cenário do campo armado na cidade; dia-jardim com todos os «cots» da natureza; porta arrombada da penitenciaría da semana para os que só ao domingo vivem, respiram, amam, dançam, se divertem e leem o jornal...

O jornal! É verdade! Hoje é sabado... Começa a lufalufa, o galope dos olhos através do mundo inteiro, montado em jornais, revistas, magazines de todos os paizes. Folheiam-se os *do-siers*; seguitam-se as informações suspensas à análise quimica do bom senso; arregimentam-se os *block-notes*; investiga-se a verdade dos boatos; poem-se azas nos *potins*. Homem illustre que morrem; figuras estranhas que surgem; dramas e «vandevelles»; anedotas e surpresas; intrigas e escandalos... O *potin* cor de rosa da resenha da semana é-nos dado por Tawneood, o amigo intimo do principe de Gales, seu cronista, seu precoce historiador, que acaba de publicar as suas memorias que a Humanidade inteira saboreia em pequenos goles gulosos. Ninguém ignora que a grande preocupação da monarchia inglesa é a negativa sistemática do futuro Imperador das Indias em casar-se. Viaja, pratica o *sport*, estuda, leva o seu admiravel sorriso de *boy*, sorriso saudavel, sorriso sincero a todos os continentes; diverte-se e trabalha — mas que não lhe falem em esposas nem em princezas disponíveis... É o trono? É o problema da sucessão? Pela primeira vez o principe de Gales, sempre tão franco e tão despretenciosamente eloquente e loquaz nas suas revolações e que até aqui, aos 33 anos, não pronunciara uma só frase sobre o casamento — decide-se a falar. Eis como ele expõe ao seu cronista a razão de tão enérgica abstinência: «Considero o matrimonio o acto decisivo da vida, a chave do paraizo ou do inferno. Por isso só me casarei quando o casamento fór para mim a essencia divina do amor. Nunca acceitarei uma esposa por conveniencia politica!»

Outro *potin* — mas mais piebeu. Os radio telegrafistas francezes buscavam, ha muito, a sua santa padroeira... E os automobilistas e os aviadores, os *cluyas* e até os *boutiers* (que se ri-

legio) haviam confiado já o seu destino á protecção de um padrinho influente, na corte dos céus — porque razão eles, que tantos e mais perigos do que aquelas corriam a diario; eles, que nas horas heroicas da guerra e nos minutos de angustiosa gloria dos terremotos e dos naufragios necessitavam implorar a piedade de Deus, faziam-se ouvir once não chegam as orações que as teclas marmónicas movem — não dispunham de um santo que se dedicasse exclusivamente a vigiá-las, a livrá-las dos perigos e da iminencia d'elles, a

(Continua na 3.ª pagina)

Sabado

A tragedia temporaria do poeta Antonio Botto

FERREIRA GOMES, o meu velho parceiro do bilhar das ilusões literarias, parara, abordado por um moço de monoculo. Era o quinto encontro — desde que subiamos o Chiado. O lisboeta sente a volúpia de se encontrar com *mulheres*. Uma — é por vicio; outros para estoriar-se com uma desculpa a sua mandreice; outros ainda para que os julguem muito bem relacionados. Se dez vezes no mesmo dia encontrarem o mesmo individuo, dez vezes exclamam «olá!»; dez vezes o fazem estacar; dez vezes o abraçam; dez vezes lhe perguntam: «Como vão lá em casa?»; dez vezes se despedem — porque vão com muita pressa...

Quando Ferreira Gomes regressou para junto de mim disse-me: «—Pobre Antonio Botto! O poeta? Mas estava mal? Que sim, bastante mal... Uma crise aguda de uma velha doença descuidada — mas mais cruel do que ameaçadora. Havia de curar-se... Contudo — pior do que a enfermidade era a sua situação moral, espirital! — nervosa até... Um poeta no nosso paiz, mesmo da categoria do Botto — nunca se encontra prevenido para um assalto da Fatalidade... — Onde vive ele? indaguei. Quero ir visitá-lo...

Que não fizesse tal — aconselhou-me Ferreira Gomes. Não me receberia. Nas primeiras horas da amargura, beben, so-sinho, o fel do abandono. Os amigos não tinham aparecido a vel-o... Julgava-se esquecido em vida. Em plena mocidade. E esta ideia, revoltando-o numa colera nobremente apática e silenciosa, contra a ingratião e a injustiça neurastenizadora... Doença e tristeza uniram-se numa conjura que viera agastar o seu fisico, brechal-o de fealdades transitorias ou repa-



ANTONIO BOTTO

raveis mas que o affligiam e exageradamente o envergonhavam como se fossem castigas eternas, aleijões irreparaveis — destruindo para sempre a sua auto-obra de esteta. Compreendi então toda a minúscula tragedia — oculta no quarto duma pensão... Conheço Antonio Botto desde os primeiros versos; das primeiras tentativas de triunfo na vida. Mas toda a gente conhece, afinal o Botto. Ele é um personagem marcante do desfile lisboeta. Quando ele passa, notam-no; apontam-no; cochicham o seu nome... Mesmo fora de Lisboa evocam-no, repetem «blagues», por ve-

(Continua na 2.ª pagina)

Domingo

Cardeal Dubois — o Chamberlain da Igreja

UM colega telefona-me e anuncia-me a morte do Cardeal Dubois. Ignoro como era apreciado pelos catolicos — simplórios, pelos catolicos de sacristia que sé veem na sua Igreja, a Casa de Deus no alto e baixo clero «policemen» das almas que é preciso bem tratar por causa das



CARDEAL DUBOIS

informações que comunicam ao do céu, á hora da escolha definitiva de residencia; esse velho tão nitidamente estigmatizado no rosto e no olhar, pela energia e pela intelligencia. É muito possivel que essa boa gente, deturpada das doutrinas de Cristo, desprezando a Existencia em todas as suas manifestações naturaes e belas, por medo da

tentação e tendo do sacerdocio a ideia simplista duma missão unica das missas, dos cantos, das festas sacras, das confissões, das absolvições, de distribuir as hostias e perfumar os templos com incenso — o considere, em muda e disciplinada indignação um chefe d'Igreja pouco cumpridor, pouco assiduo precisamente nas exteriorisações que encantam e prendem os catolicos-publico, os catolicos-multidão, e que eles julgam ser o objectivo maximo do Creador ao ter feito a Terra e os Templos.

A Igreja despreza muito menos a Existencia terrena do que a maioria desses crentes. Toda a sua organização é destinada, acertada ou desafortunadamente, a estabelecer o equilibrio social, cá em baixo entre os homens. D'ahi o extraordinario aparato politico do Vaticano, a selecção dos elementos, do seu Estado Maior, a enorme, constante, atenta e infatigavel actividade que o alto clero desprende, marginando e procurando sempre sobrepor-se á politica laica á politica dos Reis, dos Governos, dos Parlamantos. A verdade é que a Igreja gasta o melhor das suas horas a profundar e a deliberar, não sobre detalhes ou innovações do ritual — mas sim a orientar-se sobre a politica-social, a politica-politica em que necessita intervir, não só para manter o seu predomínio universal, mas tambem, «certada ou descertada-

mente», porque é essa a sua mais elevada missão. E por isso a Igreja dispõe sempre d'um elenco de formidáveis inteligências, especializando-as sobretudo na política. O Cardeal Dubois era um dos mais notáveis políticos da Igreja. Há dois anos quando pela primeira vez viram aparecer o seu perfil, em sombra chinesa, por detrás da nova política católica da França que durava há mais de cinco, toda ela titejada pelos dedos subtis e ageis do velho Cardeal—houve alguém que o apodou de Chamberlain. Possuía o difícil genio da intriga sem intriga, da conjura sem conjura, da política sem baixezas. O Vaticano necessitava do governo da Republica francesa, mas não queria por defesa do seu prestigio, alcançar a harmonia desejada, solicitando-a... Em vez de perder 50 por cento do valor de um novo accordo feito com uma ponta de servilismo—o Cardeal Dubois conseguiu voltar as costas á Republica, indiferente e desinteressado para vibrar de frente um golpe mortal nos seus mais ameaçadores inimigos que era o grupo monárquico da «Accion Française»; e pondo este no index, prestou um tão valioso serviço á Republica que foi esta quem amigavelmente bateu no dorso da... Política Católica e lhe estendeu os braços quando ela se voltou, apresentando certa surpresa pela attitude da quasi inimiga cujas boas graças acabava de conquistar com imenso talento—com todo o talento do Cardeal Dubois que acaba de falecer em Paris.

Terça-feira

A Europa vista por um chinês

ACABO de ler um livro precioso, um «vient-de-paraitre» fresco ainda das «vitrines» dos «boulevards» e que um amigo me envia de Paris. Intitula-se «L'Europe et les européens vus par un chinois». Sobre a China tem-se escrito e publicado o suficiente para um individuo medianamente culto formar uma ideia quasi nitida daquele imenso paiz—que é quasi um planeta dentro deste planeta. Tem os viajantes literatos besbilhotado o suficiente para que qualquer europeu conheça os chinezes até á medula do seu lar, á intimidade das suas almas, aos gostos predilectos do seu paladar, á saguidade religiosa dos seus corpos, aos seus vícios mais secretos, á inverosimilhança dos seus amores a frio, da sua sensualidade morbida e dos seus odios tenebrosos. Desde Julio Verne com «As Aventuras dum Chinês na China» que devoramos em creança; desde as historias emocionantes de piratas e seitas malditas de Edgar Ralligiz, até Claude Farrere, Paul Morand, Pierre Lotti, Blasco Ibanez,



Os ratos—o petisco predilecto dos chinezes

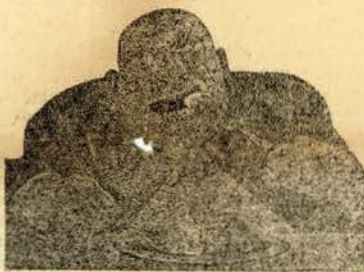
vapor para conhecer a China.

Faltava-nos a inversa... Faltava-nos saber o que os chinezes pensavam de nós; como é que nos faziam; que impressões lhes causavam os nossos tipos, as nossas mulheres, a nossa forma de amar e de

odear, os nossos costumes a nossa comida. E esta lacuna está preenchida pelo livro que possuo. Chama-se o seu autor Lin-Hong-Sau. E' jovem, é estudioso e erudito—erudito á velha maneira chinesa; erudito da sciencia chinesa. Com uma nitida fobia pelo Occidente, negou-se á educação europeia; contentou-se só com o saber herdado dos seus avós, e ignorava quasi o que era a Europa. Veiu até cá premeditando botar livro no regresso, para lição aos seus compatriotas, o que cumpriu.

«As mulheres europeias—francezas, inglezas, espanholas—afirma ele—não são femininas: são masculinas e feias.» Julga impossível um chinês d'habitudo normaes poder casar, amar, conviver matrimonialemente como uma europeia, sem ter a impressão que ama, que casa, que convive com uma pessoa do mesmo sexo. Os homens são grosseiros, tratam-se uns aos outros como os animais. Desconhecem o encanto da cortezia oriental. Mas, o que mais impressionou, ou antes o que pior impressiona o sr. Lin-Hong foi a nossa gastronomia. «Os europeus comem como os cavalos esfomeados. A sua comida tem um gosto violento... Ao prova-la temi muitas vezes envenenar-me. A forma como eles devoram uma galinha—agonia os estomagos menos sensíveis. Os seus vinhos são alcool puro e a bebida que servem como chá é uma agua suja e repugnante...»

Havia umas cem paginas a transcrever—se depuzesse d'espaco—mas pela amostra se vê a obra, que é pitoresca. Faltou ao sr. Lin-Hong os ratos recheados com



Os europeus chegam a devorar 10 kilos de comida por dia — afirmação dos chinezes

ninhos d'andorinha e os bifes de cão podre com molho de miolos de camelo, grandes petiscos da culinaria chinesa—e porisso: ia morrendo á fome. Admira-se o chinês... que os europeus gostem do tinto ou do branco... Talvez tenha razão... Se não fosse o mau gosto—o que seria do amarelo ou antes dos «amarelos». Amarelo é ele—e encontrou, decerto, alguma chinezinha a quem agradasse...

Domingo

Os «cráques» e um romance

inglez sobre Alves dos Reis

A expressão, só por si, enerva... Mas repetida com a frequencia de todas as horas, como está sendo agora, acompanhada pelo cortejo de evocações que provoca—torna-se muito mais impressionante... Refiro-me á palavra «cráque»... Nos cafés, nos encontros, em todas as palestras, por muito diversos que sejam os assuntos—surge logo a azinhaga dum pretérito que conduz um dos presentes a dizer: «Vocês já sabem do novo «cráque»?» E já não a pronunciavam naturalmente, sem intensões nem exageros de assento... Mo-

nosilabam-na; fazem vibrar o «r» como se fosse uma folha metálica, matraqueiam o «e» contra o «r»; espevitam o «a»; aguçam o «q» e o «e»... KRRÁÁ—que... «E á gente dá visão imediata da fenda



Um dos desenhos do romance de Philips King

aberta e do descastelar da pedraria de uma catedral... Antonio Ferro afirma que nós vivemos na «Epoca do Jazz-band»; é possível! Mas vivemos sobretudo na epoca dos «cráques»—e o «cráque», pelo ruído que produz era um instrumento a adicionar ao «Jazz», de cambalhada com o saxofone, o Klaxon, com os guizos, com todo o inferno da orquestra zúdi! Um amigo, que costuma passear por esse Witchapel que é a Rua dos Capelistas disse-me hoje:

—Raro é o dia que não nos venham segredar ao ouvido... «Você tome precauções... Temos em breve mais um «cráque»... E' a casa tal...» Á tarde, o segredo que de manhã era apenas cochichado já corre á solta por toda a parte... «Mais um «cráque»! Mais um «cráque»! Você não pode calcular como é que uma lista-negra dos «cráques» em profecia, dos cráques para breve, se dilata todas as semanas... Se ao menos esses agoreros falhassem nas suas adivinhações... Mas não. Infelizmente todos os seus presentimentos anteriores (?) tem tido triste confirmação, mais ou menos ruidosa. Em um ano contam-se, em Lisboa e no Porto, perto de doze cráques graúdos—quasi um por um mez. Está ainda a fumejar o mais recente «cráque» aquele que apesar do silencio protetor de quasi toda a imprensa estoirou com a devida grandiosidade e tem seguido a devida trajetória judicial... Mas há algo de mais grave: não é á crise, verdadeira ou artificial, não é só á Fatatidade que se pode atribuir esses cráques epidemicos... Todos eles—ou quasi todos—são calculados, fructos legítimos de amores ilicitos entre a cubija e a falta absoluta de escrúpulos; entre a desvergonha e a ambição... E cada vez que rabia um cráque e cae uma casa poderosa—descobrem-se, por detrás das paredes em ruínas, multidões de «homens de bem», de «honradíssimos capitalistas», de «financieiros de muito credito e prestigio...»

Tem razão o meu amigo—mas é preciso esclarecer patrioticamente que a epidemia dos cráques não é producto de uma intoxicação monopolizada pelos portugueses: é mundial—como as saias curtas ou como os cabelos á «garçonne» já adoptado pelas proprias gheisas do Japão. Em Inglaterra são tão frequentes os «cráques» fraudulentos—que a questão preoccupa, muito a serio, o Parlamento. O ultimo «cráque» de Londres explodiu num banco presidido pelo Lord Hermesill que se ausentou com... um milhão de libras.

Em França, superabundam as mesdames Hannot e os jornaes humorísticos trazem todos os números «caricatures» e «charges» sobre banqueiros presos—como antigamente o faziam com as sogras. Li não



A patroa da casa (cujo inquilino se escapa duma forma original para não pagar a conta). E' a ultima vez que alugo quartos a um aviador!

tudo porque o autor, não conhece Lisboa e inventa uma Lisboa ao seu gosto com metropolitano e toureiros a passear pelas ruas, com «traje de lúces» e espada á cinta. E para cumulo do desaforo, num dos principaes capitulos, descreve uma revolução e apresenta Alves dos Reis, fugido da penitenciaria, chefiando uma guerrilha de presos que ele libertou e com a qual tenta apoderar-se do governo, sendo ferido e salvo pela esposa... Por esta amostra veem os leitores o que é o romance do sr. Kings em cujo prologo diz: «Limite-me apenas a contar a verdade deste extranho caso de Alves dos Reis. A minha imaginação não intervem nesta obra!» A Inglaterra sempre tem cada intruso!!!

doença suspendeu temporariamente essa obra... Temporariamente Antonio Botto não é o Antonio Botto não é... o Botto que ele tinha sonhado. Que tremenda tragedia dia de pudor de si proprio, de tristeza e de angustia a desse moço, fechado, isolado num quarto de pensão, a fugir dos espelhos, a fugir de toda a gente... porque a doença, temporariamente perturbou a sua beleza... E' como se tivessem feito auto de fé de toda a sua obra de poeta!

—Tens razão—disse—Não devo ir visitar Antonio Botto...

“Pele Melle”

(Continuação da 1.ª pagina)

REPORTER X.

o poeta Antonio Botto

(Continuação da 1.ª pagina)

zoz calaniosas, pelo prazer cruel de fazer rir os parceiros mesmo ao preço duma calunia... Já o meteram numa revista... Os jornaes humorísticos picam-no de «charges»... E ele, indifferente quando a sua popularidade se torna grosseira; disfarça uma ponte de vaidade quando se sente descuido, popularizado, notado, saliente na lisura monotona da vida portugueza. Compõe versos admiráveis; já cantou o fado, vestido de fadista no Teatro de S. Luiz; frequenta salões mundanas e põe

enduzir a sua voz suplicante até junto do Creador!!! Havia, a par da logica religiosa do seu desejo em possuir uma padroeira—na vago sentimento de vexame... Todos os outros, até os *baxeurs*, já estavam apadinhados e eles não?! Não podia ser! Os automobilistas não eram mais do que os radio telegrafistas! Reuniram, discutiram, deliberaram, escolheram... Ficou sendo Santa Janna—a virtuosa *pucelle*, a Jeanne d'Arc, virgem, heroína e mártir—na padroeira da radio telegrafia! Achei acertada a escolha... Jeanne d'Arc, pastora analfabeta salvou a França porque recebeu ordens celestias para abandonar o seu rebanho e partir para os campos de batalha... Não seria um milagre—o início da T. S. F.? Outra noticia, antiga talvez, mas que se hoje se quiz abeirar do meu conhecimento... Casou-se em Paris um dos nossos mais fortes romancistas, um dos mais puros e fanáticos cultores do idioma portuguez, Aquilino Ribeiro—com uma filha do dr. Bernardino Machado—ex-presidente da Republica. O acontecimento em si duplamente respeitável—pelo valor moral e intelectual dos dois consortes e pela grande amizade que me liga a Aquilino Ribeiro—não teria outro comentário que da classica profecia do venturo se não fosse a coincidência de eu tomar conhecimento d'ele no mesmo tempo que leio no *Matin* a noticia do casamento da filha de Abyr-Din, sha persa, exilado em Londres, com o poeta turco Diarvel e no *Tempo*, de Berlim, a do casamento de uma filha de Calles, presidente quasi... desterrado do Mexico com o jornalista guatemalteco, Julian Abrune y Salas... Mas a coincidência, enraza-se em antecedentes mais curiosos ainda... Alexandri, presidente do Chile, casou sua filha em Milão, com o romancista chileno Inacio Ropino Sull, quando estava desterrado; desterrado estava Estrada Cabrera, presidente da Guatemala quando sua filha casou com o jornalista espanhol, muito conhecido em Lisboa, Pedro Gonzalez Blanco; desterrado estava o Rei Nikitas de Montenegro, quando casou a sua filha Nata com o reporter Norte-Americano William Rank; exilados estavam o presidente Castro da Venezuela e o rei Constantino quando casaram as respectivas filhas com o poeta peruano Santos Chocano e um o escritor grego, Talmarakis...

Esperem... Hoje é sabado... Faltam tantos assuntos ainda para tratar... Durante a escolha—apontados sobre a secretaria... Zola dizia: «Fecho-me no meu gabinete e lanço a chave pela janela fora. Ficamos só os dois—eu e o trabalho. Dentro de pouco tempo o trabalho devora-me—e depois... depois não fica mais nada! Mais nada... Pois bem... Já conversamos... Vou fechar agora para que o trabalho me devore tambem... E' que hoje é sabado...



Um episodio na praia:

A da esquerda para a da direita: volta-te e vê se me está a olhar; so ele não me está a olhar então não te voites...

ALFAIATERIA AMARAL

DE

C. Ferreira Amaral

R. Sá da Bandeira, 314

PORTO

Sempre o melhor sortido de fazendas nacionaes e estrangeiras. NOVIDADES.

sei aonde que só na «Santé» de Paris estão detidos actualmente 28 (!!!) banqueiros e negociantes de 1.ª classe, atirados para ali pelos tentáculos dos seus «cráques»! Na Alemanha—os cráques repetem-se com metodo verdadeiramente germanico. Do cráque de Hugo Stinnes ao de Jacob W. Honung—afirma um jornal berlinense—estavam para cima de quarenta cráques superiores a 10 milhões de marcos, cada um. A propria Italia teve dois cráques respeitáveis no ano corrente.

De onde vem a epidemia? Não sou dos mais indicados para este estudo bacteriologico. A verdade é que os cráques financeiros são heranças directas dos cráques de caracter. A adulação do dinheiro fez com que os aduladores perdoassem aos adulados todos as suas fraquezas, como os cortejos servis perdoam aos infantes mal educados, todas as importunidades. Estabeleceu-se o convencionalismo de que roubar no commercio, não era crime; que correspondia, na vida dos negocios, ás liberdades de expressão—concedida aos poetas... «Les affaires sont les affaires»... Coloquem agora dum lado a ambição do dinheiro adormecendo escrúpulos e só contida pelo temor do castigo—do outro o resto da humanidade resignada e desculpando os ambiciosos sem consciencia: «Vocês comprehendem... No negocio tudo é licito. Os capitalistas não arriscam o seu ouro para o perder...». E isto durante anos e anos... Logicamente que certa zona gananciosa foi progredindo, evoluindo, cuidadosa e lentamente, ensaiando novos abusos, experimentando novos sistemas, tentando novas ousadias—sem que a combatesssem; sem que gritassem por socorro... E assim do lucro desmedido, do juro fabuloso—se chegou a todos os expedientes que são os bacillus da epidemia dos cráques...

Bem sei que o Angola e Metropole não foi positivamente um cráque—e sou mesmo de opinião que a maioria dos cráques dos ultimos tempos se lhe nivela em desonestidade ou talvez seja até mais desonestista... Mas pertence inegavelmente á classe dos grandes expedientes financeiros da epoca—e como tal podemos considerá-lo mais engenhoso, o mais completo de todos. O folhetim do Angola e Metropole atinge proporções do genio. E tanto assim que a literatura já tomou conta dele. Publiquei ha tempos uma chronica descrevendo o que era a comedia que dois escritores holandezes compuseram com o titulo de «Notas Falsas» e estreada ao Teatro Municipal de Amsterdão. Agora surge-me um romance publicado em Londres «The Alves Reis Mystery», original de Philips King. E' uma fantasia curiosa e pitoresca—sobre-

Este numero foi visado pela Comissão de Censura de Lisboa

nas montras os seus retratos extravagantes, ora encasacado ora semi nu, como um jovem fauno em pose para qualquer escultor helenico... Magro, diáfano, louro umas vezes, outras moreno—Botto já pintou os cabelos, por capricho, eternamente efêbo recordando um pagem florentino, movendo-se ao «ralanti» numa lassa expressão de cansaço, abrindo muito os olhos redondos e apertando muito os labios até comprimir a boca num coração de carta de jogar, desconcertante nas suas teorias e misterioso propositadamente—ele criou só para si um tipo de beleza estilizada masculina, uma estetica moderna rimando como nos versos, a sua pessoa, os seus factos e a sua vida. Que é afectado? Menos do que se julga. Ele não será bem o que quer parecer; mas gostava de ser assim... é portanto sincero—mesmo quando é artificial. Ignoro se é fidalgo ou se é plebeu; se é verdade ou mentira o que dele se diz... Sei apenas que é um grande poeta e um subtil luctador da vida. Ambicioso e pobre—quiz vencer; quiz que o seu talento fosse temperado pelo ouro da gloria e lhe desse celebridade e uma existencia comoda. Conseguiu-o—embora para isso sacrificasse muito do seu amor proprio; embora se tivesse de tornar em heroe das mil anedotas que correm a seu respeito... No fundo os que julgam desfrutá-lo, trocá-lo—são trocados e desfrutados por ele por que ele tem muito mais talento do que os outros... Mas o seu maior orgulho era a sua propria pessoa—o tipo creado pela sua fantasia de esteta... A

REPORTAGEM DO DIA

"O homem das libras de louça"

(Segunda e ultima reportagem)

Espionagem e contra-espionagem em Portugal. — Os soldados da Noite. — Do gabinete secreto de Cromwell ao "Intelligence Service". — A "geradora" de S. Sebastian. — Os projectos do general Shultz. — Os submarinos pacificos. — Onde aparecem as primeiras libras de louça. — O caso do Palace Hotel de Madrid. — O Homem do Aniz. — Os dois provincianos da Rua das Flores. — O "dossier" do Dr. F. C. — O B. n.º I. — Os coletes... de fantasia. — Os dois mandatos de captura. — A fuga. — A prisão do policia ou os documentos... alados. — Ainda o "dossier" do Dr. F. C. — A casa de Vigo, a casa do Porto e a lista negra. — O remate.

"Vous avez bien fait d'écrire ce lires. On fait toujours bien d'être conraçens: c'est sa conscience qu'on grandit."

Stéphane LAUZANNE o príncipe dos reporteres francezes, um dos directores do «Matin», numa carta preambulando «Les Dessous de l'Espionnage anglais.»

FINALMENTE... Vae cair o pano sobre esta agitada «feerie» que se intitula o «Homem das Libras de Louça». Se vos disser que é com alívio que me assenta á secretária, que desembaralho á minha volta toda a papelada com tanto esforço e paciência reunida—todos os livros que me quizeram emprestar, com carêtas e temores, talvez justificáveis—e que acavalo os meus dedos na caneta para galopar na «steppe» nevada do papel branco—não vos mintto. Se vos afirmar que ante-goço com delicia a ideia de dar a volta á chave, com os rabiscos do meu pseudonimo, na ultima folha como sinal que rematei a reportagem—digo-vos a verdade... Se vos insinuar tambem que não me surpreenderia ver surgir entre o manuscrito e a impressão, ou entre a impressão e a venda ao publico novos atritos, á laia das cancelas que fecham a passagem do nivel, quando mais pressa temos em chegar—tão pouco mentira... E' que são dois mezes de esgrima, sitiado de espadas—e de navalhas—e por muito mosqueteiro que me sinta ainda—vem o cansaço, não o cansaço do braço que floreteia, mas da alma que se revolta contra a traição e contra a cilada, quando se combate sem malhas, sem trucs e sem guarda-costas...

Mas... em suma: quebremos os dentes aos alviçareiros da «minha venda» a tanto por kilo de silencio, ou por metro de consciencia—aos que faziam apostas em que eu não publicaria o segundo e ultimo artigo; tranquilisemos os sinceros que «sinceramente» temiam o primeiro fracasso da minha carreira. Durante estes dois mezes de silencio não lhes respondi—por entender e bem, que a unica resposta digna era esta: era cumprir o prometido; era publicar o artigo que hoje publico... Quanto aos outros, já lhes respondi de mais; já me arrependo até de ter sido cruel em excesso pelo modo como os levei ao espelho e lhes denunciei o irresistivel e ridiculo aleijão mental e moral... Esses são como os sorvetes dos quiosqueiros populares: parecem solidos, na sombra—mas mal lhes toca um pouco de sol derretem-se e transformam-se numa poça d'agua imunda.

A Contra-espionagem em Portugal

PORTUGAL, foi dos poucos paizes beligerantes—ou talvez o unico—que não teve essa defeza subterranea a que se chama «espionagem». Não a teve durante a guerra—porque em tempo de paz nunca a organisou nem se preparou para tal. A espionagem é uma arma d'Estado das mais graves e das mais importantes. Muita gente julga que a França, a Inglaterra, a Alemanha, a Italia—e as proprias nações minusculas—como a Belgica, a Holanda, a Suissa só se lembram de Santa Barbara quando ha trovoadas... E não é assim. Todos os governos possuem uma organização permanente de espionagem, quando mais não seja, de contra-espionagem, conforme a sua grandeza, a importancia internacional da sua politica; e o diametro das suas ambições; as suas ameaças historicas e patrimonio que tem a guardar. A espionagem—T. S. F.—humano—é velha de seculos. A mais antiga, a mais celebre, a que nunca se ensomnou nem mesmo na paz, nem agora, nem nunca—é a de Inglaterra. «Intelligence Service» se intitula—e está instalada em Londres no n.º 10 de Dowling Street... Mesmo antes de 1914, mesmo agora em 1929, o seu recrutamento era, foi, é de milhares de agentes espalhados pelos cinco continentes e que, segundo o «Times» informava em 1925, custa ao Estado mais de cem milhões de libras por ano! E é por isso mesmo, e porque, desde Cromwell, seu creador no seculo XVII, até 1914, em todos os periodos de paz o «Intelligence Service» tem funcionado ininterruptamente—que a Inglaterra apresentou o mais pasmoso serviço de espionagem durante a Grande Guerra—graças ao qual poupou muita vida e recompensou muita deficiencia da improvisada organização do seu exercito. E' ainda graças ao «Intelligence Service» que a Inglaterra domina, como soberana—imperial do planeta... Veneza guiava o mundo e vencia os fortes porque em vez de exercitos de soldados tinha guerrilhas de espíes—disse uma vez o famoso incendiario da revolução de Alfaghnistá, o capitão Lawrence—um dos azes do «Intelligence Service». Portugal

que, geografica, politica, diplomatica e colonialmente, é um paiz que necessitaria de uma brigada activa e inteligente de «Soldati della sera»—soldados da noite—; que precisava estar prevenido a tempo contra todas as exteriorizações de cubica que se esboçam sobre as suas colonias (para só falarmos das colonias)—dispunha, antes da guerra, dum ridiculo orçamento de «300 escudos» «(!!!)» anuaes... para informação secreta. Arena das mais populosas dos «homens-rádios» durante a guerra—encontrou-se desprevenido para contra-atacar e para enlaçar as manobras sombrias dos espíes que em seu territorio agiam por conta do inimigo. E foi esta a razão porque tanto a França, como a Inglaterra e os Estados Unidos, surpreendidos pela nossa confissão secreta de nada possuirmos no genero, correram a expedir-nos delegações policiaes (?) para defendendo-nos, defenderem os interesses comuns dos aliados.

Aparentemente, (quero dizer: com menos reservas e menos discrição) eram os americanos que faziam o policiamento de contra espionagem. Um coronel e um contra-almirante chefiavam duas repartições sherlock-holmescas: uma (já por mim citada varias vezes) na Rua do Alecrim; a outra na Rua Arco da Bandeira—Rocio. Mas o «Secret Service» norte-americano está e esteve sempre tão longe da perfeição secular do «Intelligence Service» (não esquecer que o «Intelligence Service» foi creado por Cromwell, no seculo XVII para blindar a sua politica contra a espionagem de Richelieu) que aquele nunca se ruborizava em solicitar, quasi permanentemente, a colaboração, os conselhos, a experiencia, todos os alcapões do «Intelligence Service». Estava tão nitida esta superioridade que, enquanto as duas delegações norte-americanas eram conhecidas de toda a gente—poucos sabiam da existencia da delegação do «Intelligence Service» em Portugal, embora esta pilotasse brigadas de agentes muito mais numerosas do que os outros e emprehendessem empresas muito mais violentas e frequentes.

O «Secret Service» americano tinha, alem do coronel Briker, e do contra-almirante, do Mac-Hado, do Dupim, dos te-

nentes Swanson, De-Mari e de outros detectives yankees, bastante pessoal português. O «Intelligence Service»—segundo o seu sábio método, poucos portugueses arregimentou. Baldy Belem, que é, sem dúvida o mais educado, o mais inteligente, o mais conhecido, o mais internacional dos polícias lusitanos—foi dos poucos agentes de Portugal que mereceram confiança do recrutamento do I. S. Para se orientar sob o ponto de vista local o I. S. servia-se de dois elementos: um era o improvisado corpo de contra-espionagem nacional, instalado no Ministério do Interior e chefiado pelo tenente sr. Moutinho d'Almeida; o outro reunia subditos ingleses com longa residência em Portugal, mobilizados militarmente e que militarmente ficavam prestando serviços informativos aos invisíveis delegados do I. S. Muitos comerciantes bastante conhecidos nas praças de Lisboa e Porto, defendiam a pátria contra o maquiavelismo da espionagem alemã.

O centro da espionagem alemã em S. Sebastião

Eram oito os grandes centros da espionagem alemã na Europa: Haya, Copenhague, Stokholm, Berne, Barcelona, S. Sebastião, Madrid e Vigo. Dos agrupamentos acampados no reino vizinho—o de maior acção era Barcelona—mas o chefe supremo que dedilhava todas as cordas condutoras não só da Espanha como as da própria França—residia em S. Sebastian. S. Sebastian era—como direi?—a ponte do piloto; a torre do farol; a cabine do operador máximo. E esse operador máximo, esse farol, esse piloto era, nada mais nada menos do que o general Shultz. Para que o Estado Maior alemão abdicasse, assim, dum dos seus mais preciosos estrategistas, afastando-o do campo da beligerância, onde podia prestar miraculosos serviços, graças à sua ciência e ao seu talento, para o ter «camoufflé», aparentemente pacífico, numa praça dum país neutral é porque a missão a cumprir era digna dele; é porque a obra a realizar valia tanto—como a do xadrez de fogo e morte, nos campos de batalha.

Até 1925 ignorou-se quem era o chefe da espionagem de S. Sebastian—o V. I.^o—; fantasiavam-se varios folhetins—mas ninguém podia supor que fosse o general Shultz em pessoa. Só naquele ano é que a verdadeira personalidade do maquiavelista de S. Sebastian foi desmascarado—graças ao livro de Robert Bucard—«Les dessous de l'espionnage anglais»—e este jornalista francez soube-o porque conseguiu vasculhar os segredos do I. S. Quer dizer que toda a gente ignorava que era o general Shultz o V. I.^o—toda a gente—menos o «Intelligence Service» de Londres que nunca o disse—nem sequer aos chefes das espionagens aliadas. Porquê? Ignoro-o...

Está provado que, o que derrotou a Alemanha não foi a superioridade numérica dos exercitos aliados ou a fadiga dos seus soldados—mas sim o problema da alimentação. As primeiras falhas do abastecimento das trincheiras esboçaram as primeiras revoltas que deviam levar o Estado Maior à suplica do armistício e o imperador a fugir para a Holanda. Contra todos os imprevistos estava o Império preparado; contra todos os assaltos da Fatalidade se podia defender—mas nem a sua grande força de vontade, nem a sua galvânica energia; nem a sua ciência, nem o seu extraordinário patriotismo resistiam à opressão da fome. E a fome, producto do

bloqueio e do prolongamento da guerra para além de todos os calculos era um problema sem resolução. O pão sintético; os ovos quimicos; os bifés vegetais—todo o ilusionismo dos seus alquimistas não chegavam para iludir o estomago do povo e do exercito. E esse problema que derrubou o castelo das ambições alemãs em 1918—era já previsto pela prudência científica dos seus dirigentes em 1916. Dois anos depois da invasão da Belgica e a dois anos de distancia do armistício—já a Alemanha se preocupava, séria e gravemente, com o seu abastecimento.

Encarada de frente essa hipótese, desde 1916 que se criou em Berlim um «comité» permanente para estudos de rijo ataque à crise ainda em esboço; e esse «comité», conhecido no Estado Maior do Exército sob as iniciais de «K. R. W.» (cujo significado ignoro mas que estão registados no livro de Erik Von Bruckler—traduzido em francez sob o titulo de «Coulisses de la guerre, à Berlin», Editions France, 1923) requisitou duas colaborações; uma, do serviço secreto, ou seja, da espantosa engenharia de espionagem; outra do Ministério da Marinha, dos serviços de submarinos. E a partir d'então um grosso de brigadas de espies e um bom numero de submergíveis foram desviados dos serviços de guerra, das informações militares e dos ataques a navios—para se dedicarem exclusivamente à conquista de generos alimenticios, fosse como fosse, quer em terra neutra quer em terra inimiga e transportada para «Alemanha», por debaixo da toalha oleosa, revolta e azul do oceano,

O JORNAL DO REPORTER X
FOI COMPOSTO E IMPRESSO
NA TIPOGRAFIA ÉLITE
RUA FERNANDES TOMAZ, 958
PORTO

destinando aos mesmos armazens que o «comité» K. R. W. mandára construir com esse objectivo.

Emquanto os soldados se batiam nos varios «frontes»; enquanto os espies da guerra prescavam os segredos dos varios quartéis gerais; enquanto dois terços dos submarinos praticavam o «sport» livre de caça aos transatlanticos—outros espies iam organizando habilmente o commercio do trigo, do milho, das batatas, dos ovos, do vinho, que ¹/₄ da esquadra submergível recolhia pela calada da noite e desembarcava em Kiel, em Emden, em Cuxhaven, etc... O general Shultz, o chefe supremo da espionagem alemã em S. Sebastian era dos mais activos realisadores deste projecto. Multiplicava o numero dos seus agentes; expedia-os para os quatro cantos da península para realizar todas as transações; combinava a melhor forma de embarque; e ao ver que, em terreno espanhol toda a sua mecanica funcionava num ritmo prodigioso olhou para Portugal... E porque não? Portugal era já, podia dizer-se, um inimigo. Mas mesmo assim—quem sabia?...

E ao mesmo tempo que o General Shultz começava a estudar a forma de retirar de Portugal, o maximo proveito para o abastecimento regular da Alemanha—da Alemanha comunicava-lhe a seguinte noticia: «que era admiravel a rapidez com que os projectos do K. R. W. tinham sido postos em pratica—mas era preciso ver que o tesouro alemão estava sendo

continuamente descarnado pelas despesas da guerra—e aquella forma de se abastecer, apesar de ultrapassar todas as perspectivas e todos os optimismos, ficava-lhes por um preço calado...». E, em grande segredo e sem o comentario, para alivio de consciencia de que, «em tempo de guerra não se limpam libras», avisavam-no de que...» receberia em breve um carregamento de libras de porcelana e de «orxux»,—(o «barro metalico»,)—já usado com grande êxito na industria de «Came-lotes», alemã dum toque identico ás de ouro, apenas ligeiramente menos pesadas (diferença inferior a um grama) d'aspecto convincente, verdadeiro producto «Made in Germany», fabricado numa fabrica de bugigangas, mobilizada pela guerra—Fitcher und Fraun, Köln Strasse 44 a 48, Dresn. (Todas estas indicações exactas sobre as libras de louça estavam num «dossier» da policia de contra-espionagem, «copia» de uma «copia» obtida pela celeberrima espia Flora da Intelligence Service, destacada em S. Sebastian para vigiar o general Shultz e que os obteve cedendo a paixão voluntariamente provocada num dos ajudantes daquele espiachefe—o tenente Von Muthcher. (Tudo isso está confirmado por Robert Bucard no seu já citado livro, pag. 144 a 146).

...Que perdoem os leitores o comprimento deste prologo, indispensavel para se chegar, atravez da historia exacta dos acontecimentos—exacta e com provas ao alcance de qualquer pessoa—até ao momento do general Shultz se resolver a invadir Portugal para acquisição de generos alimenticios, destinados ao abastecimento interno do seu país—resolução simultanea, quasi, ao inicio da burla das das libras de louça e de «orxux».

Como foi que o General Shultz organizou os seus serviços em Portugal

«...um verdadeiro chefe militar nunca deve diminuir o valor do inimigo que derrotou—porque, quanto mais caloroso foi esse inimigo maior foi a sua victoria.»

(Trecho duma carta do marechal Hindenburg, actual presidente da Republica alemã, dirigida a um official portuguez.)

Não houve defeito no legitimo rancor com que a tragedia da guerra sacudiu os povos violentados, que não se apontasse, em caricatural exagero, aos alemães. Um espirito viciado de justiça como é o meu, nem no côma do odio, transige com essa cegueira. Isso de se dizer que os alemães agiram, nos quatro anos de sangria, apenas chicoteados pelo vampirismo e defendidos por assaloiadas mãbas, muito ao contrario de os apoucar a eles, deprime quem tal proclama—porque equivale á confissão de que que qualquer saloio com palanca esperteza nos burla... Não! Os nossos adversarios atacaram e d'enderam-se com armas temperadas esp' ritualmente por alfajemes de genio—e só assim nos podemos absolver de termos caído em tantos os alcapões que cavaram a nossos pés. Se ha imperfeição no seu jogo—a rigidez demasiada mecanica dos seus processos, a falta de flexibi-

PARA O CABELLO
PETROLEO FIGUEIREDA
lira a cabeça e evita a queda

lidade que é a intuição que conduz ao exito infalível a espionagem franceza e que, os agentes britânicos, por não serem latinos, não dispõem mas substituem pela ginastica da escola de espías — «The Spy School» — de Devonshire (em Devonshire funciona uma especie de universidade onde os agentes da Intelligence Service aprendem a ser Sherlock Holmes como em Coimbra se aprende leis, medicina, filosofia e theologia...) ha, em recompensa, uma tenacidade e um desprezo pela morte que os agiganta.

O Maquiaveli de S. Sebastian, ao resolver escamotear de Portugal as mercadorias de que necessitava — não lançou, grotescamente, compradores desmascarados que percorressem o paiz e que entrassem nas lojas com o rol na mão; e que, feitas as compras dissessem aos vendedores: «Agora, façam o favor de levar isto a um submarino que, logo á noite, deve apparecer a tal distancia de Espinho, da Povoia de Varzim, de Viana do Castelo ou de Vila do Conde...» — com a mesma naturalidade com que tu, leitor, a um sabado ou numa vespera de festa caseira dizes ao merceiro: «Mande-me esse queijo, esses bacalhãos e esses figos lá a casa...» E' preciso ser justo — e sendo-o temos de reconhecer aos nossos inimigos improvisados de 1916 uma intelligencia respeitavel...

O general Shutz começou por colher uma informação detalhada e completa sobre firmas espanholas que estivessem em estreitas relações com firmas portuguesas (fosse qual fosse o seu ramo de negocio) (e esta largueza de vistas tinha a sua razão de ser). Shutz teve uma surpresa: a surpresa da insignificancia do inter-comercio entre as duas nações que ele julgava mais enlaçadas, economicamente, pela logica material e geografica da vizinhança. Esta indifferença comercial, prejudicou em grande parte os planos de Shutz — que vin limitar-se a uma dúzia de empresas espanholas o campo de experiencia para ligação indirecta com Portugal. Este pormenor não é, como talvez supunham uma simples deducção, uma aritmetica do raciocínio: está escrito e publicado um livro de memorias deixado por Schultz (ou Shultz, visto que o nome do general nas duas orthografias tem apparecido). Esse livro, ainda ha pouco nas montras da «Bertrand» traduzido ao francez, diz assim, na pagina 123 (capitulo VIII): «E' digno de registo o romantismo patriótico dos povos ibéricos que, por reflexo historico se esquivam até a acordos praticos de mutuo interesse só porque, em eras já diluidas na memoria, se combateram ferozmente. Este capricho sentimental dificultou sempre a minha acção quando, de Espanha quiz agir indirectamente em Portugal».

«Agir», na pena de Schultz, quer dizer «espionar» ou «comprar mercadorias para abastecimento da Alemanha». Mas o que me interessa, nesta altura da reportagem, é oferecer aos leitores as indicações referentes para a prova dos 9 desta operação-jornalistica. Ora bem... Shultz, enfrentando as poucas casas espanholas com relações directas com similares portuguezas — procedeu como era prudente: principiando o «toque de ensaio» pelas que, por experiencia ou palpite, julgava de mais facil transigencia e sympathia perante o jogo alemão. Trez se destacaram nessa relação e ás trez se dirigiu, não abruptamente, grosseiramente — mas com toda a prudencia, iluminando bem o caminho que pisava para tornar impossivel uma escorregadela que inutilizasse irremediavelmente os planos gizados. Uma dessas sociedades tinha

a sede em Madrid; a segunda em Barcelona; a terceira em Vigo. (Podia, graças a varia papelada revelar-lhes a razão social de las trez — mas prefiro prosseguir com a mesma generosidade, embora seja facilimo, guiados por estas indicações e consultando a lista negra de 1917 (sobre-tudo a ingleza) saber a que firmas me refiro.) O processo diplomatico da experiencia era favorece-los, aparentemente, com valiosas transacções, pretexto para entrar na intimidade dos gabinetes da gerencia. Obtida esta intimidade — iniciaria a confidencia, lançava-se com o ar de quem não quer a coisa, a hipotese de um chorudo negocio com a casa portugueza — de quem eram agentes e representantes; — e ao vêr os directores espanhóis tentados com a visão dos lucros (nessa época lavrava a epidemia das fortunas rapidas; era como que a California de 1850 em que a terra esguichava ouro para os olhos dos aventureiros) propunha-se a viagem dum deles a Portugal para directamente se explicar que nenhum risco havia em vender milho, ou trigo, ou qualquer genero alimenticio, visto que eles garantiam um capoté tão espesso e uma mascara tão habilmente afivelada que nem os faquires seriam capazes de adivinhar o negocio...

A casa de Madrid — representante de uma firma portugueza (é absolutamente veridico) negou-se, sem vacillações á tentativa, dizendo: «Nós, como neutros, podemos, sem ferir a consciencia, negociar com os senhores ou com os francezes — mas não queremos, nem ao de leve, induzir amigos nossos, com uma situação nacional oposta, a um acto que reprovamos sem uma atenuante». Fracassados em Madrid — ordenaram a uma das muitas celulas de Barcelona (é do falso barão de Z..., instalada no Carrer de Aragon 220, onde hoje está instalada a redacção dum jornal) para fazer a experiencia com a tal empresa ligada ao nosso paiz. Esta não teve os escrúpulos da madrileña e foi um dos socios quem, pessoalmente veio ao Porto «apalpar» a casa de que era agente. A corrida foi em pélo (perdoem-me o plebeismo) e por isso mesmo não me esquivo a dizer o nome do socio da firma portugueza que conferenciou com o agente de Barcelona e que, por tal forma se indignou que desfez immediatamente todos os murres compromissos existentes... Esse portuguez honrado chamava-se — e chama-se porque, felizmente vivia ainda ante-hontem que, por um acaso e após cinco anos de não nos vermos, como, tomou café, na «Brazileira» do Rocio: o sr. Raul Cabral Junior, actualmente proprietario de um cinema no Rio de Janeiro e de passagem por Lisboa.

O general Shutz agorrava mal o seu projecto, após as duas derrotas — e, enquanto estudava um processo novo de vencer na terceira e ultima tentativa (a tentativa com a casa de Vigo) enviava a Portugal varios «indikaters» de nacionalidades insuspeitas — espanhoes, argentinos, holandezes, prevendo já um fracasso total e substituindo o sistema indirecto pelo de compra directa. Essa brigada que operou quasi exclusivamente no Minho, de 1916 a 1918, era chefiada por Fritz Schickler, alemão, official de engenharia destacado no serviço de espionagem, irmão de Hans Schickler, chefe da espionagem germanica em Berne (veja-se o livro de Robert Baurcard — «Les Dossiers de l'Espionage anglaís», 2.ª edição, capitulo 8.º «Le Cambriolage du Bureau de Post de Berne» — pags. 52 e 53) e que, por um triz, não caiu nas mãos do agente portuguez B. B., ao serviço inter-allado da I. S. por occasião

de uma descida que fez a Lisboa para conferenciar com varios elementós que manobravam na capital.

Se, para lisonja nossa, houve dezenas de portuguezes que nem sequer consentiam entabolar conversa sobre o assunto — conforme indicamos, tambem houve outros e não poucos, que se deixaram tentar pelas promessas licorosas de fortuna rapida que os agentes de Shutz lhe descreviam... Traidores houve sempre, traidores tiveram a França e a Belgica, os dois paizes mais espelhados pela guerra... Não é pois motivo para vestir luto a saber-se que os alemães encontraram fornecedores de generos alimenticios em Portugal, tanto mais que não existia bem vincadamente, no espirito bronco de certos agricultores, o sentimento de repulsa pelo inimigo, distante e ignorado, e que, os espías empacotavam as suas propostas em tais envolveros, que, os seduzidos podiam, com certa elasticidade de consciencia, convencerem-se de que não cometiam uma falta grave, transacionando com eles.

Onde e como se faziam as compras — é facil de reconstituir pelos vestigios deixados. Como os artigos adquiridos passavam para as mãos dos alemães — tambem não é difficil visionar pelos elementos que se dispõe: uns — poucos — passavam para Espanha, cuja fronteira estava esburcada de trucs e untada de auxiliares que faziam deslizar suavemente o contrabando mais pesado (assunto que espero ainda um dia desvendar, com pachorra); outros eram levados para a orla do oceano e conduzidos depois por pseudo-pescadores para o alto mar, onde, em pontos, determinados e a horas convencionadas surgia o dorso metálico dum submarino que os recolhia e

Um grande escandalo

É IGNORAR QUE A

M
U
R
A
L
I
N
E

É A MELHOR TINTA A ÁGUA
Mario Costa & C.^a, L.^{da}
Rua do Almada, 30 - 1.º - D. — PORTO

os levava para a sua querida Deutchland. O que constituía sempre um sólido misterio ainda por liquificar em absoluto foi o local ou locais onde os artigos, comprados avulso eram armazenados até à distribuição pelos barcos que os conduziam ao mar e pelos contrabandistas que os carregavam até à Espanha... Ora esse misterio enfileira-se na segunda "étape" da organização de Shultz em Portugal, ou melhor, agrapa-se a essa organização, a partir do dia em que a empresa comercial-financeira de Vigo, de acordo com a sua representada de Portugal, unificou os serviços de abastecimento para Alemanha.

O "Intelligence Service" e as libras de louça

O capitão De—Masi (capitão ou tenente, não me recordo bem) do "Service Secrete" americano, amigo íntimo do sr. José Silva Graça, filho, meu director então em "O Seculo" convidou-me naquela véspera de Natal a ceiar com ele e com varios amigos no hotel-pensão em que vivia com a esposa — uma intelligentissima e aristocrática dama polaca — na Rua D. Pedro V. A essa ceia assistiram varios adidos militares estrangeiros, funcionarios do Ministerio dos Extrangeiros, jornalistas portugueses e um official do nosso exercito, o tenente Albuquerque, que foi ajudante de Sidonio Paes e que se suicidou depois. Nessa ceia ouvi falar pela primeira vez nas libras de louça. Os agentes da "Intelligence Service" (espionagem inglesa) que manobravam em Madrid tinham sabido pelo "maitre" dum dos "Palace-Hotel" da capital espanhola, seu colaborador, que na administração daquele hotel se tinham apparecido varias libras, seductoras ao primeiro olhar mas que não resistiam ao exame dos peritos... umas pareciam de louça... outras eram de "orxux". Pediram os espões ingleses que se calasse com a descoberta a troca de libras de ouro autentico — como condição de lhes indicar quais os hospedes que costumavam pagar com moeda britânica. Eram diversos — e difficilmente se podia apontar aquele donde vinham as libras suspensas.

Fixou-se um agente nos escriptorios do hotel — o a cada pagamento que, feito em libras, ele chamava para as examinar uma por uma. Durante duas semanas nada apurou. Ao começo da terceira appareceu uma — vinda das mãos de uma dama loura, de nacionalidade holandeza, recém-chegada da costa vasca. Assimilada a dama e confiada a vigilância dentro agente — continuou o I. S. a sua missão no hotel à espera de mais. Durante um mez — outras libras "camelotte" appareceram — e sempre em liquidação de contas de viajantes que vinham ou da Galiza, ou das Vascongadas, ou da Catalonha ou da Andaluzia... Sempre da orla maritima... Entretanto, a rede do I. S. constata uma certa frequência da mesma fragil moeda em outros ramos de negocio — infalivelmente provenientes de individuos que vinham das cidades visinhas do mar... A maravilhosas organização da I. S. não faziam falta outros dados para determinar a origem daquela invasão: em todos os pontos de Espanha onde se faziam fornecimentos clandestinos para Alemanha (os quais, já sabiam, eram pagos em moeda inglesa, sal-

titavam... e, por vezes, estilhaçavam as libras falsas. Outra qualquer espionagem que não tivesse a sciencia e a experiencia do I. S. aproveitava-se precididamente desta descoberta para pescar na mesma bolça, dezenas de «soldados do silencio...» Mas a I. S. — muito antes pelo contrario — contentou-se em holofotear as pessoas que se comprometiam com as libras de louça ou de «barro metalico» deixando-os em paz e servindo-se do registo do seu apparecimento em qualquer parte como admiravel pegada de transações com o inimigo. Por toda a parte os agentes da I. S. procuravam saber quem «tinha libras»; quem «recebia libras»; uma vez averiguado — esforçavam-se para as ver secretamente tentando o exame por um processo que, no caso de serem libras... "de verdade" as não danificasse; quando uma se quebrava ou se amolgava facilmente ficavam sabendo: 1.º — que o seu possuidor, directa ou indirectamente negociava

com os alemães; 2.º — que naquela terra — cidade, vila, aldeia — tinha passado ou existia uma brigada de espões de Shultz ou Shultz e que, se estava á beira-mar, os submarinos a visitavam com frequência. Bastaria esta ultima vantagem para lhes merecer a pena não atormentarem nem eliminarem (mesmo em paizes neutros as duas espionagens, a dos aliados e dos alemães, «eliminavam os elementos contrarios cuja acção os prejudicava») os traficantes com o inimigo.

Pouco depois desta descoberta feita em Espanha os magos supremos de Thibet de Downing Street communicavam ao governo que na Holanda, na Suissa, na Dinamarca... e que na propria França tinham apparecido libras de "camelotte" e que o resultado das investigações naquelles paizes era gemo ao dos agentes destacados na peninsula. Era a rectificação irrefutavel! immediatamente o I. S. communicou-o ao "Secreto Service" Americano... E naquela ceia de natal, o capitão De—Masi, palestrando com o tenente Albuquerque que, coitado já lá está, e com um outro official portuguez, então meu visinho na Rua Antonio Pedro e comigo, perguntou-nos:

— Querem saber a "ultima" dos "boches"? E foi assim que pela primeira vez, ouvi falar nas celebres libras.

NO PORTO

Uma grande iniciativa d'uma
popular casa comercial,
desta cidade.

Ha já muito tempo que se vem adoptando, o sistema de vendas de varios artigos, com facilidades de cotização semanal, sistema este que foi agora enriquecido com a contemplação immediata por meio de "bonus".

Cabe a proposito dizer-se, que a conhecida Casa dos Lanificios Ingleses, da Travessa do Grande Hotel n.º 22, da qual são seus proprietarios os Srs. Amancio P. da Silveira & C.ª Lda., cuja popularidade representa a consagração dos portuenses, a uma obra a todos os titulos simpatica, adquiriram dois magnificos automoveis não se abstendo da sua aquisição apesar do seu elevado custo. Attitude assás simpatica, na qual demonstram a sua probidade comercial.

Para melhor avaliação dos brinde, diremos que o primeiro automovel a sortear é um excelente CHRYSLER marca que bastante acreditada está entre nós, o qual se effectua pela loteria do proximo Natal.

O outro carro, é nada mais que o esplendido e famoso PACKARD. Carro que no ultimo "Salão Automovel" do Palacio, causou assembrada admiração a todos os visitantes, quer pela elegancia das suas linhas, quer pela maravilha da mecanica.

Este carro, será sorteado em Junho do proximo ano, para cujo sorteo todos se podem habilitar, realizando as suas compras em todo o genero de "lanificios ingleses" sem que por isso sejam prejudicados no preço ou qualidade.

Um e outro carro, tem estado em exposição publica, no Salão de Festas do Jardim Passos Manuel, onde foram apreciados de perto pelos felizes portadores das senhas que os habilita ao sorteio.

Onde e como as libras de "camelotte"
fazem a sua aparição em Portugal

São dois episodios, simultaneos, um do meu immediato conhecimento; outro só por mim atingido ha muito pouco tempo. O primeiro data de uns mezes após a ceia do Natal oferecida pelo capitão De—Masi. A policia portugueza — e creio que foi o proprio tenente sr. Moutinho d'Almeida, chefe de brigada adjunta ao V. do I., a que já me referi (e que, inevitavelmente, fez esforços sobre humanos para, com tão poucos recursos abraçar todo o serviço nacional de contra-espionagem) quem prendeu o pitoresco "Homem do Aniz", "Homem do Aniz" era um subdito espanhol com muito boa vontade de ser espiã mas sobre cujo talento e vocação não confiavam os chefes da espionagem alemã, limitando-o a servicos insignificantes. Espalhafatoso, pouco sobrio em bebidas, emboracando, todas as noites no "Café Royal" — "rendez-vous" d'estrangeiros de todas as nacionalidades — vinte e tal calices d'aniz e dos maiores (donde lhe veio o apodo com que os criados do café o alcunhavam) chamaram immediatamente a atenção da contra-espionagem. Revistado o seu quarto no Hotel Central, do Caes Sodré (que serviu de cenário a varios capitulos de Eça e onde estão hoje instalados os escriptorios da C.ª do Estoril); vascilhando as malas; foram encontrados documentos apenas interessantes por comprovarem que, de facto, tinha intendimentos com o pessoal inferior de Shultz e, e nos forros dos casacos, duas dúzias de libras. Requestado o espólio (?) pela S. S.; examinadas as moedas com especial attenção, — trez libras de "camelotte" foram separadas do molho. A importancia do incidente policial estava precisamente nisso: teria ele trazido as libras de Espanha ou as recolhera em Portugal? Nesta ultima hipotese — dava-se immediato alarme: Shultz encontrara o processo de traficar com productos portuguezes, e portanto, os submarinos alemães tinham levado o arrojio ao extremo de emergirem na visinhança do nosso litoral. Apertado com perguntas, "pregado" num interrogatorio de cinco horas — o fraco espiã bolçou toda a verdade. Um antigo patrão de Vigo contratara-o para ajudar o embarque na costa galega e como ele estava pratico no serviço e era conhecido da tripulação dos corsarios germanicos mandara-o para Portugal como contra-regra dos primeiros dois transportes que se effectuaram proximo de Vila do Conde. E como tão cedo não havia novo embarque ele desobedeceu ás ordens terminantes

PARA A CABELA
DEBILITADA
uma a cabeça e evita a queda

do patrão, que o prohibira de ir a Lisboa, e até mesmo ao Porto e descer a capital para se desfazer de algumas libras com que o comandante do submarino o tinha gorgetiado.

Pronto! Era positivo que Shutz alastrara a sua Sombra famosa até Portugal. Grande azafama nas várias brigadas internacionais. Retiniram todas as sinetas de alarme...; badalou até a mais ruidosa de todas: a que ordenava um absoluto silêncio a este respeito para não assustar a caça. E a este respeito não resistiu a contar um episódio de que fui involuntário provocador. Estava eu então no início da carreira e exigiam-me continuamente provas jornalísticas que ribassem por entre o publico. Naquele entusiasmo voluptuoso que só os 18 ou 19 anos dão, sobretudo quando se casa por amor com um "melier" — escutei, indiscretamente o segredo da prisão do "Homem do Aniz", put-me em campo, completei as informações que ignorava e esfregando as mãos, na certeza do êxito, mandei o original para a tipografia de "O Seculo", em cuja edição noturna eu dedicara o melhor da minha febril actividade d'então. A meio da tarde recebi uma comunicação telefonica do tenente sr. Moutinho d'Almeida ordenando o mais rigoroso silencio sobre o assunto — entre outras razões porque iam iniciar um inquerito em redor de uma "conhecida firma portuguesa" que fora evocada vagamente pelo prisioneiro... "Com quem estou falando? perguntou o sr. Moutinho d'Almeida, no fim do recado. "Com Reynaldo" — respondi: "Ah! Bem! Já fica sabendo: nem uma palavra!" "Hesiti... Perder aquele náico de triumpho jornalístico? Sofrer as consequências de desobedecer a policia? E hesitando, e refletindo, e meditando os prós e os contras, deixei passar as horas; deixei que "O Seculo" fosse impresso e que os garotos apressassem o artigo sobre "O Homem do Aniz e as libras dos submarinos!" No dia seguinte — ordem para me apresentar, sem falta, sob ameaça de prisão, no Ministerio do Interior... Era quasi um Tribunal, para me julgar... O tenente Moutinho d'Almeida — hoje bom amigo meu; o tenente Swanson, do "S. S."; o velho amigo e grande detective Billy Belem, etc. "Que explicação dava eu ou que atenuante encontrava para a minha desobediencia e para os prejuizos que causara, pondo de sobreaviso a "tal firma" — ha muito suspeita? "A minha resposta foi simples": Ignorava que tivesse sido prohibido referir-me ao assunto!" Exclamação de surpresa: "Hom'essa! Então não foi você proprio quem recebeu a ordem pelo telefone?" "Eu? Não senhor!" — "Perdão! Quando perguntei com quem falava — respondeu: Com Reynaldo!" Contra ataque meu: "Perdão! E' que existe um continuo no "Seculo" que se chama tambem Reynaldo". E graças a esta pequena aventura dos 18 anos me salvei (soube depois pelo proprio sr. Moutinho d'Almeida) do severo castigo que me estava reservado, com o refrigerante para os meus entusiasmos profissionais...

— Alem d'isso — retroqui, a rematar a conversa e procurando, numa habilidade esteril, apanhar um detalhe que me faltava — eu apenas me referi abstractamente a «uma firma do Porto» porque ignora (e dizia então a verdade) qual é a que merece a suspeita da policia. Posso desoriental-a — pondo hoje um nome fantástico. Para isso basta que me digam qual é a visada — para que eu, por uma coincidência de Satanaz, não vá fazer uma emenda peor do que o... Não conclui a frase — porque o tenente Moutinho d'Almeida, virando-se, me interrompeu... «Pois sim... — disse — você é muito novo mas já tem ronha. Querias outro tiro para o seu jornal? Desta vez não apanha assunto para artigo de sensation...»

O segundo episodio, simultaneo mas só ha pouco desembarcado no meu «black-notes» — desenvolve-se no Porto. Um casal de provincianos, dois minhosos de bons côres, ar risonho, optimista; en-

domingados e pimpões — entrou numa ourivesaria da Rua das Flores para escolher umas arrecadas «d'ourinho» e mais uns cordões vistosos para enroscarem sobre o seio avultadissimo «d'ela»; e mais um «cachucho» que tivesse uma pedra com muitas luzes, um «brilhante» dos bons para o indicador «deles»... Depois de — com cautelas para não serem enganados — escolherem na montra e nos estendais de veludo os apeteçidos enfeites — entreolharam-se felizes, mutuamente dengosos, prevendo o figurão que haviam de fazer lá na terrinha, na proxima feira, quando exhibissem todo aquele ouro à bisbilhotice invejosa dos conhecidos e dos compadres... Quanto era tudo? Tanto... Desembolsam o sacco; desatam-no; alargam o bocal e começam a fazer tilintar sobre o balcão as libras necessarias... Mas eis que o ourives, por uma dessas fatalidades inexplicaveis (fatalidade para os freguezes, bem entendido) sente se picado por uma suspeita... Pede-lhes para esperar... Onde foi pedir um exame de perito às libras — ignora. O que sei, sim, é que voltou acompanhado dum policia — é o casal provinciano recolheu ao Governo Civil. Entre as libras do pagamento — havia cinco de louça e de «coruxo». Isto foi no dia 8 de fevereiro de 1918 — afirma a nota por onde me guio. Deve portanto existir, na Policia do Porto, registro desta occorrença. Casmurros como bons aldeões que eram, resistiram ao interrogatorio durante longo tempo. Depois vieram as contradicções — e por fim, numa difficilima espremedela — meio desabafo. Havia já uns mezes que vendiam varios productos da sua lavoura, apesar da exportação prohibida, a uns senhores que eles não conheciam (?) e que lhes pagavam por bom preço. Ultimamente entre a entrega dos generos e o recebimento do dinheiro — demoravam uns dias — mesmo uma ou duas semanas. Por ultimo tinham-lhes pedido para irem ao Porto e dirigirem-se a uma «firma comercial» (seria a mesma que já o «Homem do Aniz» se referira e os agentes do «Intelligence Service» suspeitavam?) para cobrarem a conta em atraso... Dessas transacções lhes provinha as libras com as quais pretendiam comprar aquele «corinho»... Negaram saber o destino da mercadoria que ven-

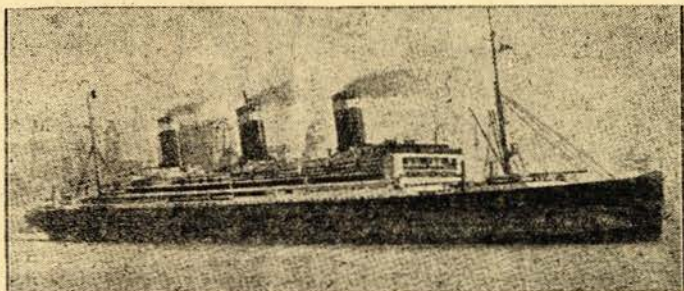
diam e o endereço dos compradores — duas ignorancias que ninguém acreditou. Mas não foi possivel dessacarolhar-lhes nada mais — nem pelo crime de exportadores de generos prohibidos poderam ser acusados... Saíram em liberdade — e a policia da contra-espionagem inter-alhada intensificou a sua vigilancia na costa do norte — ao mesmo tempo que os «caça submarinos» iniciaram continuas batidas pela visinhança do nosso litoral.

Os "raids" Vigo-Porto. —

Os coletes extravagantes.

...Shutz podia socegar. Ao mesmo tempo que os seus soldados do silencio rapavam, á grande, o nosso Minho — encontrava uma cumplicidade, cheia de simpatia, numa firma de Vigo — a ultima das 3 firmas apontadas como favoraveis aos seus planos e a unica onde as suas propostas tinham sido bem acolhidas — "lá" — e "cá" Para satisfazer o grande "role" de mercancia e não de mercancia, que da Alemanha lhe mandavam para o abastecimento da nação e do exercito — os compradores a vulso, mesmo com o exito com que estavam trabalhando, não chegavam. Havia generos a havia, sobretudo, «dóses» — que não podiam traficar facilmente, no desajuste com que transacionavam com os lavradores e sobretudo com os cuidados que era preciso ter para transportar das origens para o litoral e do litoral para o alto mar — em paz inimigo. Apesar da importancia do montante desse negocio (é incrível o numero de individuos que... se arruinaram, julgando enriquecer com esta traição á Patria e que occultaram depois o logro de que tinham sido victimas, por vergonha...) urgia uma ligação «séria», garantida, formal, com uma casa importante. Essa casa emprestaria uma feição legal ao trafico, adquirindo os generos, expedindo-os ou fazendo-os expedir, em nome d'outros, com «permis» legais, para Espanha — donde eles seguiriam para os submarinos, sob a benevolencia neutral das autoridades (benevolencia que, em abono da verdade, era igual para os alemães e para os aliados)...

Conforto — Certeza



Rapidez — Segurança

S.S. LEVIATHAN, 59 956 toneladas. — O maior paquete do mundo. Velocidade, 24 nós. Travessia CHERBURGO—NOVA-YORK em 130 horas, da

UNITED STATES LINES

Vapores directos de Cherbourg para New-York (3 vezes por semana)

Venda de passagens de 1.ª, 2.ª unica e 3.ª classe ao PORTO para NEW-YORK, sendo o preço desta ultima classe de 81 dollars. do o trans-
porte do Caminho de Ferro ao Porto a Cherbourg, via Paris. —

Para compra de passagens e mais esclarecimentos queiram dirigir-se á

AGENCIA MARITIMA LUSITANO-AMERICANA

Rua Nova da Alfandega, 108-2.ª — Telefone 1981—PORTO

**ACOMODAÇÕES
EXCELENTE**

Mas os agentes da I. S. não dormiam... Conhecedores do fracasso de Madrid e de Barcelona, ha muito que rondavam a tal firma de Vigo aguardando a conclusão da conjura com Shutz. Havia mezes que esse contraccio estava em vigor; havia mezes que a casa de Vigo recebia os generos exportados, directa ou indirectamente pela casa do Porto (pela tal casa duas vezes evocada já; a casa que ainda hoje é dirigida pelo «Homem das Libras» a que os meus artigos se tem referido? mas com tal habilidade agiam que os vigilantes «spy» do «Intelligence Service» não se tinha apercebido. Mas ha sempre uma imprudencia — ou uma cilada do acaso — e aqui é que os varios «chercheurs des secrets» bifurcam as revelações. Segundo uns: o alarme foi dado pela quebra dalgumas libras no soalho (versão que já citei noutro artigo mas que nem todos os que de perto conhecem o assunto confirmam); segundo outros, o «Intelligence Service» teve a prova de que os planos de Shutz já tinham passado a realidade porque, prendendo na fronteira de regresso de Vigo, um individuo, empregado ou socio da tal casa e revistando-o descobriram que o forro do colete era almofadado por uma serie de enfiadaveis bolsos secretos e atafalhados de libras — entre as quaes (Shutz não poupava nem os seus melhores auxiliares) se confundia uma boa dose de moedas de porcelana, com que Shutz burlara a casa de Vigo; a de Vigo, involuntariamente a do Porto; e a do Porto, na mesma inconsciencia, os seus fornecedores (um dos quaes, um sacerdote — toda a gente em Barcelos vos dirá quem é — com grandes propriedades, de parte das quaes se desfiz para comprar artigos que vendia «camelotte» na alucinação dos lucros fabulosos, arruinando-se. Ao descobrir a burla, neurasthenizou-se e enterrou as pirâmides de libras de louça da sua fortuna. As que me foram cedidas por ocasião da minha convalescencia na hospitaleira cidade de Barcelos e que eu posuo para achatar os parvos que se riem das libras de louça veem desse espolio.

A versão da descoberta dos «coletes para transporte de libras» pertence ao «dossier» do dr. Fidelino Costa que prestou, durante a guerra, valiosissimos e patrióticos serviços de contra espionagem. E aceitando essa versão sabemos que, para não afugentar a caça, os agentes restituíram libras e colete ao «correio» dos traidores, aparentemente não terem pezado o seu verdadeiro significado e deixando-o em liberdade depois de um castigo ligeiro, por contrabando de moeda. Entretanto seguia um longo relatório para a policia americana de Lisboa e esta por

sua vez, dava instruções especiaes aos seus agentes a respeito do B n.º 1.

Mandados de captura —

A fuga — A lista negra

As informações colhidas pelos agentes locais da I. S. (entre eles encontrava-se como adjunto, um comerciante inglez mobilizado, cuja honradez merece o maior respeito a todo Portugal) não podiam ser mais graves para os cavalheiros. O «Secrete Service», a quem o «Intelligence Service» punha em dia com frequentes relatórios optava pela sua prisão imediata. Pelo contrario, o I. S. preferia esperar mais algum tempo, avolumar as provas, atrair para desmascarar um maior numero de cúmplices. Neste entre-choque d'opinões — houve uma «lminence grise» que correu a alviçar ao dono que o mandado de captura fora já assinado pelo contra almirante americano, um dos chefes da delegação de contra espionagem — e tanto bastou para que o cúmplice da casa de Vigo, fugisse do porto occultando-se na provincia não sei quanto tempo.

Esta deserção veio fortalecer as teorias do I. S. que procurou reafirmar a atmosfera, dissipando todas as ameaças e dando ao «Homem das libras de louça» a convicção que a denuncia que o acovardava fora rebate falso ou, pelo menos, que a tempestade tinha ido rugir as suas coleras para longe. E regressando ao Porto, prosseguiu o seu negocio, usando então de duplicadas cautelas. Entretanto tinha surgido um inesperado contratempo que profundamente desgostava Shutz: se era ainda Shutz que manobrava a geradora de espionagem germanica de S. Sebastian ou se era já Kolback, seu substituto) o enlaçava numa estreiteza estranguladora, o seu trafico com os submarinos: é que os budhas de Downing Street tinham-se precipitado, registando na celebre lista-negra-inglesa (a mais severa e exacta e influente de todas) a firma de Vigo. Esta etiqueta, rotulando o valioso auxiliar, era como o leque dum holofote iluminando uma caravana nocturna de contrabandista. E esta taboleta, ao alcance de todos os olhos, não vinha só prejudicar a continuidade dos projectos de Shutz e o belo negocio da firma galega: o facto, só em si, pelo conhecimento publico das relações existentes entre ela e a firma portueuse contagiava imediatamente o B n.º 1, punha-o no index embarçava-lhe o trafico e colocava-o na contingencia eminente de resvalar tambem para a lista — o que significava uma derrota mortal. Era preciso, custasse o que custasse arrancar da lista negra, no mais curto espaço de tempo a firma de Vigo...

E aqui retomo as admiráveis recordações do Dr. Fidelino Costa. Um belo dia, um illustre, sincero, honrado e indiscutivelmente patriota comerciante foi procurado por uma «lminencia Farda» graduada da firma portueuse que occultando, (pudera!) as razões autenticas que tinham levado o I. S. a enfileirar o agente de Vigo no formoso indice e explicando esse registo como um equívoco conseguiu convencerlo, na sua boa fé — a usar da sua influencia para que uma raspadeira ou uma borracha soltasse a casa galega daquela grilheta pesadissima. E o citado republicano, longe de supor o que se passava nos bestidores daquele «complot» dirigiu-se pessoalmente ao Dr. Fidelino Costa, o mais categorizado portuguez dos organismos de contra-espionagem repetindo-lhe a solicitação que recebera. O Dr. Fidelino Costa pronunciou uns vagos pormenores, visto que não lhe era permitido ser mais explicito — e registou o facto que, só por si, tinha um razoavel valor informativo.

os muitos Shutz, com todos os seus esforços, com toda a sua inteligencia, dedicação, patriotismo e elasticidade de escrúpulos, podessem contel-o e salvar a Alemanha do desespero dos soldados que, sem pão, se negavam a batalhar. Mas esta ameaça só era conhecida pelos chefes, pelos altos-pilotos; o proprio povo; o proprio exercito — ignorava-a — e os agentes do I. S. — tambem. Do contrario não teriam decidido, a tão poucos mezes de paz, prender, o «Homem das libras de louça». O mandado de captura foi assinado e enviado para ser executado. Mas eis que os que cercam e colaboram com o «Homem das libras se permitem ao luxo dum rasgo de espreiteza insuspeitada. Na vespera da data em que a prisão devia ser feita e mal receberam a denuncia, preparam uma cilada para que o encarregado de a executar, parece comprometido politicamente, apezar da sua inegavel inocencia. Foi uma armadilha urdida com genio, com uma eloquencia convincente e bem apontada ao momento agitado e convulso que o paiz atravessava. «Preso» em silencio — em vez de «prender»; isolado, incomunicavel, sem que os seus chefes soubessem sequer o que era feito dele e enquanto varios detectives alarmados pelo seu desaparecimento, o buscavam por toda a parte (menos na prisão, como é natural) gente de confiança dos autores da cilada, invadiam, tambem a titulo politico, a sua residencia e levavam alguns documentos comprometedores para o «Homem das Libras de Louça».

E assim escapou, pela segunda vez á justiça quem traficava com o inimigo e acumulava uma fortuna, enquanto a pobre soldadesca, arrastada para a guerra que não podia sentir, contra um povo que não podia odiar, por não o conhecer vivia cantos de Dante — no inferno das trincheiras.

Um dia o Porto foi sacudido por uma rajada de ventura — gota de balsamo da paz que restituía a vida, a Humanidade inteira... A Alemanha pedia um armistício... Os monstros da Dor e da Morte de quatro anos de pesadelo diluam-se ao sol que nascia... O Niagara de Sangue, sempre renovado — secava... Os corpos e as almas repousavam... A vida renascia para a vida... Era a Paz! Desmobilisaram-se os exercitos... Os agentes estrangeiros da contra-espionagem, rasgavam á pressa, a papelada — aluns de muita ignominia e de muita miseria — deitavam lhe fogo — assobiando canções da sua terra... Era a paz para todos — até para os espíões, para os soldados da sombra...

O «Homem das Libras de Louça» respirou, sorriu, feliz... Que doce que é a existencia — saboreada como ele a saboreava; um cofre inexgotavel junto a si e a sensação do perigo passado...

O ULTIMO SUCESSO
:: DE LIVRARIA ::

CEMITERIO da GLORIA
e da SAUDADE

2.º volume das obras
completas do
REPORTER X

A venda em todas as livrarias

«Les portugais n'ont pas

la memoir du sang...»

Avisinhava-se o armistício — mas ninguém o profetisava... Avisinhava-se o armistício — precisamente porque todas as organizações de abastecimento secreto da Alemanha, que funcionavam na Holanda, na Dinamarca, na Suecia, na Suissa, em Hespanha... — e em Portugal, com varios «Homens das libras de louça» — tinham ido estalando á força de serem es-ticadas — e a ameaça fome — que foi travão rapido da guerra — dilatava-se sem que

TIPOGRAFIA ÉLITE

Rua Fernandes Tomas, 958

PORTO

EXECUÇÃO DE TODOS OS TRABALHOS TIPOGRAFICOS. IMPRESSÃO A CORES, ETC.

Muitas vezes quasi que vale a pena sofrer as sacudidas do medo sob a ameaça de riscos graves—só para depois gozar tranquilamente o espectáculo de os ver estilhaçar no ar, como fogo de vistas, sem nos terem beliscado... Do que ele fizera—nada restava... Ou antes restava—restava todo o ouro amesalhado... Era verdade que, por vezes, lhe tinham impingido gato por lebre—mas isso... que? Libras de «camelotte». Algumas passara-as pelo mesmo preço... Outras—quebravam-se; transformavam-se em cacos, caixa do lixo e umas cifras no Ganhos e Perdas...—que bem quantos tinham sido os primeiros—para poderem aguentar, sem desequilíbrios—os prejuizos dos «gatos» impingidos...

“Les portugais n'ont pas memoire du sang”—disse não sei quem... E por isso se muito se cochichara a seu respeito—depressa o esqueceriam... Ele tornaria a ser o homem honrado, o patriota, o generoso esmolador de sempre... Com boa fortuna—quem não é honrado, patriota, talentoso e santo e milagreiro até... Não havia duvida... A vida é deliciosa:—a vida é bem uma prova do genio do Creator...

O que muitas vezes estraga a digestão—é o jornalista... Porque não se contentarão esses pulhas em desmascarar apenas os pequenos gatunos, os cartelistas—ou a fazer literatura, folhetins amorosos? E já mania meterem-se com os homens honrados, com os patriotas... E o pior (dirá ele com os seus botões, à mesma hora que eu encho esta folha de papel) o pior é que ele prometeu por tudo em pratos limpos, numa segunda e ultima reportagem, Entraves não lhe tem faltado... Ha mesmo já quem suspeite do seu silencio... Mas é teimoso—este X! E tem sete folegos como os gatos... Um passeio pelo gabinete; depois um pouco de repouso junto à janela, contemplando a rua;

—«De facto a vida é deliciosa... E' pena que não acabem com os jornalistas... Com os jornalistas e com os mutilados da guerra. E' um feio espectáculo esse dos aleijões a passearem e a incomodarem quem quer gozar com socego, sem perturbações o dinheiro ganho honradamente...

Fim da segunda e ultima reportagem do «Homem das libras de louça» (1)

REPORTER X.

(1) Fim... deste assunto—para bom cumprimento do prometido. Mas o campo é vasto—e tenho em vista bifurcações subterrâneas que me devem conduzir a catacumbas bem recheadas e que tenciono revelar—sem tornar, já se vê, a tratar das libras de louça—que é caso arrumado para socôgo das consciências... desasocogadas...

R. X.

TAPETES
OLEADOS
PASSADEIRAS
PERGAMOIDES
CORTINADOS
CRETONES
CARPETES

Vendas directamente ao publico

M. Guimarães & Irmão
----- Rua das Flores, 84-1.

Pequenos factos

O suicidio do louco

TEM algo de «grand-guignol», fantasia alucinante duma obra do «Príncipe do Terror» aquela tragédia desenrolada no manicómio do Telhal e que tão laconicamente foi narrada á imprensa. Não sabemos que desgosto profundo abalaca numa sacudida violenta, as faculdades mentais de Antonio dos Santos. Enlouquecera e a sua demencia era feita, por excesso de crueldade do destino, de um pavor angustiante pela loucura. O reflexo do seu rosto num espelho, bastava para provocar-lhe epilepsias furiosas:—«Tirem aquele louco dali, gritava. Eu não quero ver loucos. Eu tenho horror pelos loucos».

Era forçoso internal-o e o filho que, chorando, o conduziu ao manicómio, recomendou a maxima generosidade para o doente, e, sobretudo que o não deixassem sem vigilancia porque temia que ele se suicidasse. Ignora-se o que se passou e a forma como o desagrado foi tratado. O que se sabe, sim, é que Antonio dos Santos enjaulado em meio dos outros escravos da demencia, fechava os olhos para não os escutar e, no fim de seis dias, não podendo mais com a monstruosidade daquelle espectáculo de que ele, doente, era tambem actor, pôz termo á existencia. Um só commentario a rematar:—Hanz Shuibert, o genial panfleto alemão pedia, ainda ha pouco tempo, que se fizesse um exame ás faculdades mentais dos psiquiatras do seu país convencido que, desse estudo resultariam surpresas pasmantes. Em Portugal, temos a certeza, os resultados não seriam mais favoraveis aos nossos psiquiatras.

A. R.

Auto-analise da morte

SERIA curioso investigar os porquês da tragica cadeia dos suicidas. A grande percentagem, é sabido, gravita em redor das perigosas diabruras de Cupido e das tortuosidades da vida. Segue-se-lhe a dos neurastenicos geralmente recrutados entre os hiper-civilizados.

Os casos em espiritos suggestionaveis formam egualmente legião. Ha ainda uma especie de «elite» entre os suicidas. Recordam-se certamente da existencia d'aquelle celebre club de Londres. Entre outras proezas, os seus associados, que pertenciam á mais alta estirpe da nobreza londrina, cometiam o semi-enforcamento. Enlaçavam no pescoço uma corda, projectavam-se no espaço e ficavam suspensos durante uns segundos até que um collaborador se aproximava deles com banco, affim de apoiarem os pés. Nesses segundos experimentavam a mais violenta das emoções. Com ingleses, que são pontuais, a brincadeira admite-se. Entre nós não é possível, sem o risco do banco salvador chegar duas horas mais tarde. E os que se suicidam por «chinezismo», apesar de toda a logica com que procuram justificar-se? Já em 1866 um tal Deal, em França, se suicidou por meio de asfixia no intuito de estabelecer os detalhes do sofrimento que a morte, dessa maneira, lhe poderia provocar. Escreveu ele num jornal que foi encontrado no quarto apoz a sua morte: «Eu pensei que seria util fazer conhecer, no interesse da sciencia, quais eram os efeitos do acido carbonico sobre o homem». Como em certo momento lhe batessem á porta, Deal escreveu: «Tenho sido importunado varias vezes;

leve o diabo os importunos. Não consentem que um homem morra tranquilamente.»

Terminados todos os preparativos aguarda a morte notando minuciosamente todas as sensações: 10 horas e 20.—O pulso calmo e não bate mais rapidamente que de ordinario; 10 horas e 30.—Um vapor espesso levanta-se dentro do quarto. Começo a sentir uma violenta dor de cabeça. Pulso agitado. 10 horas e 40.—Batem-me as fontes como se as veias quizessem romper. Sofro horrivelmente do estomago. Oitenta pulsações por minuto. 10 horas e 50.—Apresentam-se-me ideias estranhas ao espirito. Posso, apenas, respirar. Não irei longe. Tenho sintomas de loucura, 10 horas e 60 minutos.—Quasi que não posso escrever. Tolda-se-me a vista. Não supunha que custava tanto a morrer. 10 horas e 72.—Aqui alguns caractres illegiveis e é tudo.

Isto vem a proposito dum suicida amoroso, descoberto agora em França, e que registou tambem todas as impressões da asfixia.

DECIO NUNES

PELES

Muitas PELES

A mais variada
coleção de PELES

Só no antigo deposito

RUA CANIZO DOS REIS, 39-PORTO

JUSTUS

Atacadores elasticos para calçado

NOVIDADE DE

JUSTUS, Limitada

os JUSTUS dispensam
a tua ajuda...



calça e descalça sem ser
preciso apertar
o desaperari

ler no proximo numero do

REPORTER X

Na Literatura, no Cinema,
no Teatro e nas Artes

A' venda nas boas casas

CASA DAS GABARDINES

134, Rua de Santa Catarina, 138 — PORTO



Grande sortido em casa-
cos de couro, impermea-
- - veis e gabardines - -

A unica casa no Porto,
especializada nestes
artigos, que não teme
concorrença de preços
: : e qualidades : :

Comprando na Casa das Gabardines,
V. Ex.^a economiza dinheiro!

FABRICA DE MOLDURAS E OFICINA DE DOURADOR**SANTOS & IRMÃO, SUC.^{OR}**

FUNDADA EM 1858

Escritorio: Travessa de Lizeiras, 1 e 3 — PORTO

Gaizinhos estilizados e de fantasia. Especialidade
em caixilhos ovaes e etajores com espelho.
Restauros, imitações, Decoração e pintura de moveis.
Deposito de espelhos e cristaes das fabricas
de SAINT GOBAIN

Medalha d'ouro na Exposição Industrial
Portuguesa

Tapetes Artísticos Ponte da Pedra

Premiados em todas as exposições

Todos os estilos
antigos e modernos

ESCRITÓRIO

Rua de Santa Catarina - 154
PORTO

MALHAS DE LÃ

Camisolas, peu-
gas, pullovers,
polainitos ingleses, luvas e mais artigos de
agasalho. Tem o maior sor-
tido e aos melhores preços a

Camisaria Serra

281, Rua Mousinho da Silveira, 287

CAFÉ RIO 117, Batalha, 118
PORTO

O melhor café da Batalha, na opinião
dos bons apreciadores de café

Bar Batalha nos baixos do
"CAFÉ RIO"

Não é preciso reclamar assim e afirmar os bons fregueses

IMPOSSIVEL

NOVELA DE
REPORTER



Procurem nas boas
Livrarias
e Quiosques do Paiz

Magalhães, Filhos, L.^{da}

MADEIRAS

VIANA do CASTELO

Só no Rapido Americano

Confie-nos todo o seu calçado para
concertar. Ele sai das nossas mãos
completamente transformado e à
prova de resistência. Os nossos
concertos são económicos e a cer-
tesa de que V. Ex.^a encontra o seu
calçado pronto em dia e hora de-
terminados, poupa-lhe arrelias e
encomodos.

165, Rua Pasços Manoel, 171
PORTO

Alfaiateria Amaral

DE

C. FERREIRA AMARAL

R. Sá da Bandeira, 314 — PORTO

Sempre o melhor sortido de fazen-
das nacionaes e estrangeiras
NOVIDADES

A Difeza das Crianças...**...O Leite da Quinta do Paço**

Dep.: Praça Guilherme Gomes Fernandes, 47/51 — Telef. 4303

COMPANHIA INGLEZA
DE SEGUROS**"BRITISH OAK"**

SEGUROS CONTRA
INCENDIO
ASSALTOS
GREVES E
TUMULTOS
GUERRA CIVIL
REVOLUÇÃO

REPRESENTANTE NO NORTE
A. F. REIS
RUA INFANTE D. HENRIQUE, 45-1.^o
TELEFONE 1022
PORTO

João de Souza e Silva
Estabelecimento de Fazendas

Novidades para homem,
e creança

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Rua D. Antonio Barroso
BARCELLOS

O VERDADEIRO

C E R E S I T

Contra a HUMIDADE e SALITRE

Só é vendido por J. BIELMAN, SUCR.

GALERIA DE PARIS, 42 — PORTO

(Cuidado com as falsificações)

COFRES

COFRES a valer

e Bombas para trasfegar
(GARANTIDAS)

Sistema "Gailot"

TRIÂES

VIGIA NOVA DE GRUA

TELEPHONE N.º 2552

A PRODUCTIVA

Fabrica de todos os artigos de arame

Colchões para todas as camas de ferro ou
madeira — Capachos de arame — Rede de
aramé para todas as vedações — Fabrico
especial em arame galvanizado em diver-
sas grossuras.

José de Magalhães

Rua da Picaria, 27

— PORTO —

Cervejaria Chic

Praça da Batalha n.º 31

PORTO

(Ao lado do Cine Aquila d'Ouro)

Depositarío unico dos Vinhos
Espumosos e Champagne da Anadia.
Previne os consumidores que tem
sempre grande stock em arma-
zem, atendendo rapidamente
todos os pedidos.
Entrega ao domicilio— AGENCIA —
NICOLAU FERRAZ

PASSAPORTES

Rua do Loureiro, 80

PORTO

Telegramas: Sulferraz
Telefone, 762

As grafonolas e discos

ODEON

ocupam sem favor
em todo o mundo
o primeiro lugar.Oçam as novidades
de gravação electri-
ca que acabam de
chegar

Agente geral:

RICARDO LEMOS

Rua Formosa, 304-1.º — PORTO

JUVENALIA

A perola das Pomadas para calçado

Representante } Feliciano Sobral
e depositario } R. da Fabrica, 11-2.º — PORTO Telef. 4353

Chargeurs Réunis e Sud-Atlantique

Para o Brazil e Rio da Prata

PARA CARGA, PASSAGENS E QUAISQUER ESCLARECIMENTOS
TRATA-SE COM OS AGENTES GERAIS EM PORTUGAL

Comptoir Maritime Franco-Portugais, Limitada

Sucessor de DIOGO JOAQUIM DE MATOS

No PORTO: R. da Alfandega, 7 Em LISBOA: Cais do Sodré, 32-38
Telef. 2928, 2926-G Telef. 2292, 2294-G

GRAMOFONES A PRESTAÇÕES

QUE ENTREGAMOS no ACTO DA INSCRIÇÃO

Semanaes de 10000, 20000 e 30000 com bonus

Faça a sua inscrição e hoje mesmo terá muzica em sua casa.

A mais alta sonoridade e pureza de
som, só com o aparelho

— DULCETTO —

que suplanta tudo até hoje fabricado.
Stand ARMSTRONG SIDDELEY

Rua Fernandes Tomas, 854 — PORTO